

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Paulo Cezar Monteiro de Carvalho

**“Ataques do 11 de Setembro foram evento-chave para crescimento da mídia
online”**

**BAURU
2011**

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Paulo Cezar Monteiro de Carvalho

“Ataques do 11 de Setembro foram evento-chave para crescimento da mídia online”

Projeto Experimental apresentado pelo aluno Paulo Cezar Monteiro de Carvalho ao Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação Social da Universidade Estadual Paulista, campus de Bauru, sob orientação do Doutor Maximiliano Martin Vicente, atendendo à Resolução 002/84 do Conselho Federal de Educação para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo.

**BAURU
2011**

Banca Examinadora:

Prof. Maximiliano Martin Vicente (orientador)
*Departamento de Ciências Humanas da FAAC
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita
Filho”*

Prof. Antonio Francisco Magnoni
*Departamento de Comunicação Social da FAAC
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita
Filho”*

Haroldo Cevaloro Sereza
Diretor de Redação do Opera Mundi

Bauru, 29 de Novembro de 2011

*Dedico a minha família,
aos amigos da “Babilônia” e
a professora Livia Moraes*

Agradecimentos

À minha mãe se não fosse à dedicação, o amor e o esforço dela eu simplesmente não estaria aqui.

Ao meu pai pelas conversas e aos meus irmãos pelo apoio.

Ao Dodô, ao Jesus, ao Rubinho, ao Roque Sedução, ao Xaxado, ao Olavo Barros e ao Cristiano, eu entendi o que significa ter mais de uma família.

Agradeço ao Bulhões por me apresentar ao mundo da militância estudantil. Ao Centro Acadêmico de Comunicação Florestan Fernandes, atividade a qual dediquei boa parte do meu tempo, do meu esforço e onde mais aprendi nestes quatro anos de Unesp. Ao eterno presidente Marco Escrivão e a eterna primeira-dama Natalia Miguel.

Ao professor Max por aceitar ser o meu orientador e, junto com os professores Bertolli e o professor Cláudio Coração, justificar a frase: “há professores que fazem a faculdade valer a pena!”. Agradeço ao professor Ângelo por dar um conselho mais importante da minha formação jornalística.

Ao Opera Mundi por ter me ensinado, de forma rica e paciente, o que é fazer jornalismo. Ao Haroldo Cavarolo por acreditar no meu trabalho e aceitar ser avaliar meu trabalho, a Marina Terra pela sugestão da pauta, ao João Novaes pelas broncas – e paciência – dadas enquanto editava meu texto.

Ao time “Jornal Safado” - e os integrantes Oasis e Frota - que foi a experiência mais marcante de parceira, diversão e esforço.

Deixo os meus obrigados também ao meu veterano Profeta, o qual gentilmente me recebeu em Bauru, no primeiro dia nesta cidade.

O código genético disse a que, sem pensar muito, nos temos contentado em chamar natureza humana, não se esgota na hélice orgânica do ácido desoxirribonucleico, ou adn, tem muito mais que se lhe diga e muito mais para nos contar, mas essa, por dizê-lo de maneira figurada, é a espiral complementar que ainda não conseguimos fazer sair do jardim-de-infância, apesar da multidão de psicólogos e analistas das mais diversas escolas e calibres que têm partido as unhas a tentar abrir-lhe os ferrolhos.

José Saramago

“Até aqui nos ajudou o senhor!”

I.Samuel 7.12

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
Capítulo1 “ O ataque de 11 de Setembro de 2011”.....	09
Capítulo 2 “A cobertura da Imprensa”.....	11
2.1 A cobertura online dos fatos.....	13
2.2 Pontos fracos x Pontos fortes.....	14
2.3 Falha técnica	15
2.4 Credibilidade	15
2.5 O “furo” na rede	16
2.6 Jornalismo com pressa	17
2.7 Inovações	18
2.8 Convergência	19
2.9 Jornalismo em velocidade	20
2.10 Diversificação	21
2.11 Interatividade	21
Capítulo 3 “A reportagem”	22
3.1 “O especial 11/09”	24
3.2 Função do jornalista	28
3.3 Jornalismo Online	29
3.4 Teoria da grande reportagem	30
3.5 Passo-a-passo	32
Conclusão	36
Referências	37
“Anexo” – Especial 11/09 do Opera Mundi	

Introdução

O ataque às torres gêmeas e ao Pentágono, no dia 11 de Setembro, é apontado por muitos como o primeiro grande acontecimento do século 21.

Percebemos que o impacto dos ataques influenciaram, em diferentes níveis, o desenvolvimento das políticas global e interna de todos os países do mundo. De tal modo que é praticamente impossível não perceber alguma relação, mesmo que mínima, dos rumos do planeta com as respostas e reações posteriores ao ataque.

A despeito do alcance do “11 de Setembro” sobre economia, política, organizações sociais e cultura, a grande reportagem desenvolvida visa entender qual foi a relação dos ataques aos EUA com o fortalecimento, nos últimos 10 anos, da cobertura online de notícias.

Vale esclarecer que a reportagem foi pensada como parte de um especial sobre “10 anos do 11 de Setembro” organizado para o site Opera Mundi. Sendo assim, a reportagem não desenvolve questionamentos políticos ou sociológicos debatidos ao longo dos dez anos posteriores ao acontecimento utilizado como “gancho” da reportagem.

Capítulo 1 - “O ataque de 11 de Setembro de 2001”

Na manhã de 11 de Setembro de 2001, 19 terroristas, depois reconhecidos como ligados à organização Al-Qaeda, sequestraram quatro aviões comerciais no espaço aéreo norte-americano. Às 08h46, o Voo 11 da American Airlines atingiu a Torre Norte do World Trade Center, seguido pelo Voo 175 da United Airlines, que atingiu a Torre Sul às 09h03. O terceiro avião de passageiros caiu às 9h37 contra o Pentágono. Às 10h03, o quarto avião caiu em um campo próximo de Shanksville, na Pensilvânia. Ao todo, 2.996 pessoas morreram, incluindo os 19 sequestradores.

Poucos minutos após o ataque, as imagens dos aviões atingindo o World Trade Center já circulavam pelo mundo. O planeta tudo estava perplexo e, naqueles instantes, era difícil afirmar com certeza o que acontecia dentro dos Estados Unidos.

Enquanto as torres eram atingidas pelos aviões, o presidente Bush estava em uma escola primária, no estado da Califórnia. Um célebre vídeo, disponível no youtube e popularizado no filme “Fahrenheit 11/09”, mostra o presidente recebendo a notícia de um de seus assessores e permanecendo com uma expressão impassível durante sete minutos. Ao sair da escola, Bush foi para uma base norte-americana e de lá fez sua primeira declaração sobre o ataque: “Não se enganem, os Estados Unidos vão caçar e punir aqueles responsáveis por atos covardes”

Esta declaração já dava pistas de como seria a reação norte-americana ao ataque do qual ela era a vítima. Punição. Quem atacou os Estados Unidos teria que pagar o preço, os estadunidenses iriam querer a sua vingança, essa foi a mensagem que os EUA passaram e a qual, como presenciamos ao longo dos anos, se concretizou.

Em apenas 72 horas, os Estados Unidos apresentaram os responsáveis pelos ataques. De acordo com as investigações realizadas pelo FBI e pelo Departamento de Justiça, descobriu-se que, nos quatro vôos, haviam 19 árabes os quais eram ou teriam ligações com organizações terroristas, principalmente com a Al-Qaeda.

A política externa do presidente Bush foi denominada de “guerra ao terror”, a qual tinha como objetivo desarticular todas as organizações e até mesmo países que pudessem representar ou causar qualquer tipo de prejuízos e ameaça aos norte-americanos.

A primeira resposta ao 11 de Setembro veio menos de um mês após os ataques, com uma ofensiva contra o Afeganistão. O país, comandado pelo Talibã, servia de porto seguro para a Al Qaeda de Osama bin Laden. A invasão foi relativamente

rápida, porém os EUA não conseguiram acabar com a resistência e o principal objetivo que era a captura e Bin Laden foi infrutífera --o terrorista foi morto apenas em 2011, no governo de Barack Obama.

Em 2003, mesmo sem o aval das Nações Unidas, o presidente americano lançou uma guerra contra o Iraque para derrubar o ditador Saddam Hussein. As armas de destruição em massa, pretexto usado por Bush para a invasão, nunca foram encontradas.

Uma das expressões mais repetidas pelo presidente Bush era o combate ao eixo do mal, que seriam os países que representavam algum tipo de ameaça para a paz e o equilíbrio mundial. Contudo, esta classificação dependia do arbítrio e da classificação dos Estados Unidos.

O linguísta e pensador Noam Chomsky faz uma séria e ácida crítica em relação ao imaginário criado em torno do ataque e aponta como um absurdo o fato dos EUA serem o único país no mundo condenado pelo Tribunal Internacional de Justiça por ato terrorista, no polêmico episódio da invasão da Nicarágua e mesmo assim propor um discurso de “guerra ao terror”.

A interpretação de Chomsky, sobre o caráter inédito do fato, ressalta que a enorme mobilização da população mundial das principais lideranças se deve mais ao caráter simbólico e inesperado da única superpotência ser vítima de um ataque do que o número de vítimas ou caos proporcionado pelo ataque.

"Os ataques de 11 de setembro foram um evento histórico? Como já disse, acredito que sim. Onze de setembro foi um evento histórico mas, lamentavelmente, não pelas dimensões da catástrofe. É desagradável pensar nisso, mas em termos de escala, os ataques não foram algo incomum - embora talvez seja verdade que nenhum outro crime da história tenha tido um número maior de vítimas humanas instantâneas. Infelizmente, porém, existem muitos outros crimes terroristas com efeitos mais duradouros e mais extremos. Não obstante, 11 de setembro foi um evento histórico, pois ocorreu uma mudança: a direção em que as armas estão apontadas mudou. E isso é algo novo, radicalmente novo."

(CHOMSKY,2002)

CAPÍTULO 2 – A Cobertura da Imprensa

“O 11 de Setembro, e os seus horrores, deu a Bush condições de implantar seu projeto político de maneira muito mais rápida. A mídia colaborou intimamente. A imprensa pediu guerra e foi atendida. Ignorou massacres, desrespeito aos direitos humanos e às liberdades individuais, a destruição de um país miserável pela maior potência militar do planeta e deu vazão ao patriotismo como senha para a obediência ao poder. Numa guerra em que os americanos jamais combateram em solo, a mídia descreveu um conflito diferente, muito mais limpo e heróico.
(DORNELES, 2002)

A despeito de todas as críticas que possam ser feitas à política da belicista defendida pelo ex-presidente George W. Bush e a herança de ódio e medo deixada pelo seu governo, é impossível que, qualquer análise deste período, ignore a participação e a colaboração da imprensa neste processo.

Os meios de comunicação foram decisivos para construir o cenário que justificasse as medidas mais polêmicas e controversas postas em prática pelo EUA pós-11 de Setembro. A imprensa norte-americana e a mundial adotou uma postura extremamente passional quando se tratou de informar e opinar sobre o que deveria ser feito, de como os ‘terroristas’ deveriam ser tratados.

Serge Hamili, diretor de redação do *Le Monde* na França, em um artigo intitulado “Somos todos norte-americanos”, afirma que o ex-presidente Bush jogou a isca ao dizer que: “Agora, que a guerra foi declarada contra nós, nós levaremos o mundo à vitória.”. E praticamente todos morderam. A imprensa, os governos e boa parte da sociedade solidarizou-se imediatamente aos EUA e, por consequência, se assumiram participação na batalha “contra o mal”.

A crítica feita à atuação da imprensa não é direcionada para a comoção criada em torno das vítimas e do sofrimento natural dos familiares. Os jornalistas também são humanos e é normal que os sentimentos perante a tragédia superassem a pretensa ‘objetividade’ jornalística. O ‘erro’ dos jornais foi terem aceitado cegamente o pedido de “cooperação no esforço de guerra”, ignorar a sua função de fiscalização e de informar os fatos e não uma versão deles.

Os jornais criaram a imagem de que existia um inimigo a ser combatido e ele era perigoso. Dorneles resgata os seguintes títulos de primeira página dos jornais brasileiros, os quais, ele explica, mantiveram o mesmo tom das publicações internacionais.

- Estado de São Paulo: “EUA responderão a ato de guerra”
- Globo “ Talibã com os dias contados”.
- Jornal do Brasil: Aliados dão início à vingança”
- Folha de São Paulo: “EUA controlam espaço aéreo”

Pelas manchetes ficamos com a sensação de que os Estados Unidos estavam sendo atacados por um outro país e decidiram contra-atacar, tinha-se uma guerra entre países e não um ataque isolado de um grupo isolado, no caso o Talebã. O título da Folha passa a falsa idéia de que ocorreu um confronto pelo controle do espaço aéreo, quando na verdade não houve.

Outro desvio de conduta dos meios de comunicação foi a opção por seguir a cartilha de cobertura imposta pelo Departamento de Defesa dos EUA. O exército tinha livre acesso ao conteúdo produzido pela imprensa e, em alguns casos, chegava a interferir sobre ele. Contudo, não houve indignação, era preciso colaborar com a guerra e informações que acusassem ou denunciasses erros e baixas dos Aliados poderia prejudicar o apoio popular que a intervenção militar possuía.

Parte da cobertura realizada pelos enviados especiais era feita nos navios de pouso e decolagem dos caças. O que o leitor recebia era uma informação diretamente influenciada, a qual só apresentava um olhar a respeito dos combates, o olhar do militares norte-americanos.

Como se não bastasse o alinhamento ideológico e aprovação da ‘censura’, os canais de comunicação criaram a figura da “fonte não independente”.

Apesar de todo o controle do fluxo de informação e da imagem ‘positiva’ da intervenção, em alguns momentos surgiam notícias de baixas de soldados da Aliança, de forte resistência do Talebã e denúncias de seguidos casos de desrespeito aos direitos humanos. Sempre que se viam ‘obrigados’ a noticiar tais fatos, os veículos acrescentavam que essas informações eram de “fontes não independentes” e, portanto, não mereciam o mesmo crédito.

Dorneles explica que tal recurso visava desacreditar ou pelo menos jogar dúvidas sobre qualquer possibilidade de erro e sucesso por parte do EUA e de seus aliados. E que, ao reproduzir a declaração de oficiais norte-americanos, não havia o

coitado de identificar a fonte e nem de se questionar a veracidade da informação, uma declaração dessas tinha o mesmo valor do que fato investigado pelo jornalista. “Era uma cobertura marcada pelo press-release”, avalia Dorneles.

2.1 A cobertura online dos fatos:

Durante as primeiras horas, todos os meios de comunicação foram confrontados com um transbordamento informações sobre a demanda que eles tinham que cumprir. Rádio e televisão feitos maratonas informações (El Mundo, 2001c; La Vanguardia, 2001), em que eles cruzavam imagens ao vivo das torres e as repetições de filmes dos impactos com entrevistas com testemunhas e peritos. Jornais estavam prontos para preparar histórica edições para o dia seguinte (Poynter.org, 2001) e até, em alguns casos, eles urgentemente publicaram edições extras poucas horas depois dos ataques. (...) a mídia internet muitos, alertou por um grande volume de visitas, lançou uma frenética corrida para oferecer o mais rápido possível todas as notícias que chegavam”.

(SALAVERRIA,2002, p.70)

Um fato como os ataques de 11 de Setembro reúnem, em doses elevadas, quase todos os quesitos que diferenciam um acontecimento “sem importância” de outro que represente o ‘interesse público’. Criou-se um momento no qual praticamente todas as pessoas queriam informações, ao mesmo tempo, sobre o mesmo tema.

Os meios de comunicação imprensa, radiofônica e televisão já experimentados em outras cobertura de acontecimentos de importância comparável o ataque – apesar de serem pegos de surpresa – já possuíam ‘esquemas de emergência’ de como buscar, organizar e divulgar as informações sobre o fato desta proporção.

Já os meios de comunicação online ainda eram experiências relativamente novas, as quais ainda buscavam uma obter uma identidade diferente das publicações televisas ou impressas. E ainda não haviam lhe dado com nenhum acontecimento sequer similar ao tratado neste trabalho. É possível traçar o paralelo de que se a guerra do golfo foi o ‘grande momento’ da televisão, o “11 de setembro” foi o primeiro grande momento da internet.

Um dos entrevistados da reportagem foi o editor chefe do Observatório de Imprensa, o jornalista Luis Egypto. Durante a conversa, ele opinou que os ataques se tornaram um evento “mais televisado do que da mídia online”, prova disto seria o caráter quase yuguiano que as imagens da televisão que exibia os aviões se chocando na torre adquiriram no século 21. O professor e blogueiro Idelber Avelar não discorda frontalmente da opinião de Egypto, mas ressalta que a internet teve o mérito de oferecer

uma cobertura mais diversificada, ao invés de, como a televisão, repetir constantemente a imagem do World Trade Center indo ao chão.

O estudo “Um meio imaturo. Pontos fortes e fracos de Jornais online em 11 de setembro” do professor Ramon Salaverria, da Universidade de Navarra, faz uma interessante e rica reflexão a respeito do significado dos ataques aos EUA para o aperfeiçoamento da mídia online. No trabalho realizado por Salaverria ficam claro os limites e erros da cometidos pelos responsáveis da cobertura online, por outro lado, são apresentados as suas inúmeras possibilidades, diferencias e até mesmo vantagens em relação aos outros meios.

Salaverria afirma que a internet se tornou um dos principais meios pelos quais o público buscava se atualizar sobre os ataques. De acordo com os dados pesquisados pelo professor durante as duas horas após o início dos ataques, uma média de 6.000 buscas da sigla "CNN" foram realizadas a cada minuto. 80 % das 500 palavras procurados no Google, no dia do atentado, foram relacionadas com os atentados terroristas (Google, 2001).

A audiência da categoria 'Notícias' aumentou cerca de 80 por cento durante a semana que terminou em 16 de setembro, em comparação com a semana anterior. Sobre mídia específica, <CNN.com> registrou 4,6 milhões de visitantes por dia durante a semana após o ataque, tornando-o o sexto mais visitado website nos EUA. Por outro lado, <BBC.co.uk> cresceu mais de 260 por cento. O número de visitas diárias subiram de uma média de 146 mil para tão alto. Os sites de notícias norte-americanos apresentaram uma média de 11,7 milhões, o que significa quase o dobro dos 6 milhões que fizeram o mesmo da semana antes dos ataques terroristas.

2.2 Pontos francos X Pontos fortes

O objetivo central da pauta é entender e relatar a influência dos atentados de 11 de Setembro no desenvolvimento da internet. Portanto, vale a pena refletirmos tanto nos pontos positivos e negativos da cobertura online e de que forma essas questões foram discutidas e resolvidas.

Por ser uma experiência especialmente nova para as redação da web é notável que alguns erros ou desvios surgem de forma natural devido a esta inexperiência, as possíveis limitações também. No entanto, as possibilidades de cobertura em rede e as sua inegáveis vantagens em relação aos outros meios (isso não

implica dizer que não existem desvantagens) e o apreço do público por elas já se manifestaram nesse episódio. E, como vimos ao longo dos anos, a aprovação do público pelas informações em rede continua crescendo exponencialmente.

2.3 Falha técnica

O problema mais imediato apresentado aos usuários pelos sites de notícia foi a falta de preparo e capacidade técnica de receber um número elevado de visitas e manter um fluxo constante de atualização.

No estudo “Um meio imaturo...” é feita a lembrança de que vários meios de comunicação apresentaram problemas de navegação como o da MSNBC e USToday, alguns deles como o The New York Times chegara a sair do ar. A solução encontrada foi reduzir a quantidade de imagens e outros recursos que deixavam as páginas ‘pesadas’.

Curiosamente, as páginas que ‘ofereceram’ uma navegação deficiente aos usuários foram as diretamente relacionadas com veículos e marcas jornalísticas mais conhecidas. Outras fontes de informação na rede como os blog’s e sites menos conhecidos não apresentaram os mesmos problemas técnicos porque possuíam uma navegação mais leve e por isso puderam aumentar a quantidade e visitas sem ultrapassar a capacidade da página.

2.4 Credibilidade

Um outro ponto que merece atenção a se pensar na cobertura online é a reflexão sobre um dos mais importantes elementos do jornalismo: a credibilidade. Ainda hoje – é verdade que com menos frequência - a internet recebe críticas quanto a sua credibilidade e sua disciplina de verificação.

Novamente visitando os exemplos apresentados no estudo, observamos que no afã de obter a primazia da notícia, de “dar o furo”, parte dos veículos online reproduziam e divulgaram informações imprecisas ou simplesmente inverídicas.

Para citar dois casos: O 'El Mundo' noticiou em seu site que o aeroporto de Los Angeles estava em chamas e de que a Casa Branca e o Capitólio haviam sido evacuados. O 'La Nacion' noticiou que um carro bomba havia explodido na frente do Departamento de Estado Norte-Americano.

Salaverria apresenta um juízo de valor em relação a não reconhecimento dos erros deste veículo, prática já madura e comum nos outros meios de comunicação. E ainda comenta o fato de que o 'El Mundo' não só deu uma informação equivocada como na sua versão impressa no dia 12 de Setembro, se vangloriou de ser o site que mais deu notícias sobre os ataques.

Para o professor da Universidade de Navarra aparentemente justificando-se no caráter transitório e efêmero da internet, os jornalistas sentem-se menos responsáveis pelos erros. Seria isso e não a falta de 'humildade' dos jornalistas da web, o motivo de não haver uma retratação pelos erros e imprecisões, como se não fosse necessário corrigi-los já que não se transformaram em "preto no branco".

Hoje, devido à relevância que os meios de comunicação em rede adquiriram não é mais permitida esta mesma leniência com os erros. A internet não é mais vista como um meio acessório, um adicional às outras mídias, sendo assim, a gravidade e possível perda de credibilidade com equívocos cresceu muito.

Em conversa com o editor responsável do Observatório de Imprensa, o jornalista Luis Egypto, a reportagem ouviu que atualmente a credibilidade da internet já é uma questão resolvida. Na opinião de Egypto os sites e portais de notícia são tão confiáveis como qualquer outra mídia e, portanto, sujeito aos mesmos erros e jogos de interesses as quais o público sabe que eles estão submetidos.

2.5 O furo na rede

A importância do furo é uma das questões mais antigas do jornalismo. Em vários casos ela pode significar a preferência do público, prestígio do jornal e até promoção de profissionais. Por outro lado, ao se publicar informações privilegiadas, os veículos precisam ter um cuidado redobrado para não darem uma barriga (informação errada) o que causaria um inegável prejuízo à imagem e à credibilidade.

Se nas mídias impressas, televisas e radiofônicas já se conseguem equilibrar a ânsia do furo com a preocupação de se checar os fatos, na internet ainda é necessário

estabelecer uma cultura similar, no episódio detalhado aqui, a velocidade determinou o ritmo da divulgação das notícias.

O “La Nacion” alterou toda a interface das suas páginas e o seu modo tradicional de publicar notícias, o qual mesclava textos longos com textos curtos e algumas ilustrações. O site passou a apresentar um visual muito parecido com o de agências de notícias, publicando matérias curtas e pouco analíticas, uma após outra e só com o título como chamada para matérias.

Já o “El Pais” focou-se exclusivamente na cobertura do atentado, porém oferecendo ao público informações mais trabalhadas e profundas. Ao passo que manteve o *hard news*, o site oferecia infográficos, galerias e textos interpretativos sobre o caso e as suas possíveis implicações.

2.6 Jornalismo em velocidade

Hoje vemos que há um certo amadurecimento dos veículos e a velocidade não é o ‘único valor’ reconhecido pelos meios online. Contudo, a rede continua mais vulnerável aos boatos e imprecisões que se espalham rapidamente, principalmente nas plataformas sociais, sendo que, em alguns casos, até mesmo sites e portais reconhecidos pelo público divulgam informações assumidamente inverídicas.

Uma outra desvantagem causada pelo predomínio da ‘velocidade’ nas plataformas digitais é o caráter superficial e direto das maiorias notícias em rede. Há um consenso de o usuário da internet quer consumir informação de maneira rápida, quase instantânea, e que por isso não estaria disposto a se informar por meio de reportagens mais reflexivas e interpretativas.

Devemos também considerar que a cobertura na web evidenciou a falta de ‘personalidade editorial’ dos veículos, não que eles não tivessem uma linha, uma orientação editorial. O fato é que os principais veículos de informação são versões de outras mídias, principalmente a imprensa, e, portanto, acabam assumindo os mesmos princípios da sua ‘original’, por assim dizer.

Como argumenta o estudo: “os media interactivos estão em processo de definir sua própria voz. Em contraste com a tendência que dominou durante os primeiros anos da mídia on-line de emulando formatos notícias da imprensa escrita, 11

de setembro encorajou alguns dos meios de comunicação na internet para testar novos formatos”

Se alguns valores como buscar sempre relatar a verdade, consultar a maior quantidade de fontes possíveis, valorizar o atual e orientação do veículo são fatores praticamente universais. A internet lida com questões exclusivas como a necessidade de constante atualização, a relação direta e quase imediata com o público, entre outros. Sendo assim, os meios online’s precisam desenvolver uma realidade própria. Nesses 10 anos é notório que houve uma evolução, no entanto, ainda é inegável o atrelamento editoria a outras mídias.

2.7 inovações

Esses incidentes trouxeram uma excelente oportunidade para mostrar o desenvolvimento da multimídia e do potencial de hiperlinks e interatividade que nunca tinha sido tão claramente expostos antes por publicações online. Portanto, 11 de setembro pode ser considerado como uma data chave para a consolidação de alguns pontos fortes.
(SALAVERRIA, 2002, p81)

No trecho destacado acima o professor Salaverria elege, de forma exata e direta, a cobertura dos atentados de 11 de Setembro como um acontecimento central e, em certo modo, determinante para o amadurecimento e o reconhecimento, perante o público, das mídias online como uma das principais plataformas de comunicação e informação.

A idéia da pauta não surgiu devido a esta conclusão, mas o argumento do professor foi importante para confirmar a nossa suposição de que a internet teve um papel jornalístico relevante de atender ao interesse público e auxiliar na compreensão do que estava acontecendo nos Estados Unidos e de que forma os norte-americanos e o restante do mundo reagiram após os ataques.

Mesmo considerando os erros e acertos, as vantagens e desvantagens presentes nas plataformas digitais, dois fatores não podem deixar de serem observados ao se pensar o crescimento da internet promovido pelo 11/09: a grandiosidade do acontecimento que impossibilitava que o fato não recebesse uma ‘atenção especial’ e a eleição, feita pelos usuários, de que a internet poderia ser um meio relevante para se obter novas informações.

Ao optar pela internet como um espaço de informação, automaticamente os usuários requeriram que os portais e sites oferecessem informações que não eram obtidas em outras mídias ou pelo menos com uma linguagem ou abordagem diferentes.

Esta exigência de diversificação permitiu que a internet apresentasse uma linguagem com características que as outras plataformas não podiam oferecer como a convergência de mídias, a interatividade e a facilidade de atualização. Isso foi interessante porque deixou claro e fortaleceu a idéia de que o público também vê a internet como um meio que apresenta uma riqueza de abordagens que as outras mídias não são capazes de oferecer.

No artigo “A Nova visibilidade”, John Tomphson apresenta algumas considerações a respeito do novo comportamento que o público desenvolve com a notícia dependendo da tecnologia pela qual ele acessa. “Usando as mídias comunicacionais novas formas de agir e interagir são criadas considerando-se suas propriedades distintivas específicas” mudança” (2008)

Para Tomphson as novas ferramentas comunicacionais permitem não só novas formas de produzir, divulgar e acessar informações, mas também novas formas de se relacionar e agir perante elas.

2.8 Convergência

Para citarmos dois exemplos: na Espanha, a edição do Mundo produziu um ótimo infográfico, em um prazo muito curto, com uma enorme quantidade de informações e apresentando os recursos da hipertextualidade e das potencialidades multimídia da web. Em menos de uma hora após o primeiro ataque, o El País já havia publicado um infográfico detalhando o ataque e os locais atingidos.

O caso do El País e do El Mundo foram não só um sucesso perante o público que continuou acessando, por sucessivas semanas, os infográficos, como serviu para fortalecer a idéia de que a possibilidade de misturar as mídias é uma das grandes vantagens que a internet possui em relação aos outros meios.

O 11 de Setembro foi o momento no qual deixou isso ainda mais claro. Como recorda Salaverria, no decorrer do seu artigo, apesar dos sites e portais considerarem a convergência midiática como um recurso interessante de ser usado, na prática, havia mais uma justaposição de elementos do que a criação de um discurso complementar, o qual dialogasse entre si.

Mesmo após 10 anos do ataque, ainda vemos meios que acreditam estarem promovendo a convergência de mídia quando oferece, por exemplo, um texto e um vídeo que fornecem as mesmas informações quando, na verdade, deveriam somar pontos de vistas e explorar as ‘vantagens’ que há em dar uma informação em formato de texto e uma outra em formato de vídeo.

2.9 Jornalismo em velocidade

Sérgio Amadeu, professor da UFABC e ativista da internet, explica que a utilização da internet nos dias dos atentados serviram para conscientizar os comunicadores do quão interessante é a comunicação em rede. As pessoas que estavam na ilha de Mahattan começaram a enviar emails informando sobre os fatos mais recentes, isso acontecia em uma velocidade muito rápida. Ficou claro que o sistema de rede pode ser a forma mais rápida para , em situações extremas, para acessar relatos diferentes histórias e outras informações, as quais colaboram para a produção e posterior divulgação do trabalho jornalístico.

Vale lembrar que em parte do dia foi barrado o acesso à cidade, dessa forma os jornalistas tiveram que buscar outras fontes e a internet possibilitou o contato com elas.

Dessa dificuldade de acesso a ilha e, conseqüentemente, dos jornalistas realizarem o seu trabalho de narrar o que acontecia, surgiu a lição de que a internet poderia ser uma ferramenta central no processo de obtenção de obtenção/chegagem de dado, bem como de divulgação de notícias.

Para Egypto o amadurecimento do jornalismo na web e a ‘profissionalização’ das redações consideram a internet a primazia das notícias. Na sua opinião, hoje, é jornalismo online que fornece o hard news.

A capacidade e a relativa facilidade para se manterem atualizadas, a possibilidade de lançar uma ‘nova edição’ em pequenas frações de tempo bem como a simplicidade de acesso – que pode ser feito no momento que o usuário desejar – permitiram as portais e sites de notícia ter um relacionamento mais dinâmico e direto com o público.

Para Canclini, o processo de ‘digitalização’ e ‘informatização’ contemporâneos tem alterado, em níveis cada vez mais profundos, as relações e os fenômenos sociais. Entre as influência mais marcantes ele aponta o aumento da

intimidade e da admiração (principalmente das gerações mais jovens) em relação a internet e, principalmente, a forma como a sociedade se relaciona com o tempo.

As pessoas passam a desejar a velocidade e a praticidade de internet não só nos espaços “onlines” como também nos meios “off-lines”, isso, entre outros problemáticas que fogem do escopo deste trabalho, são responsáveis pelo certo impasse das plataformas tradicionais que ainda não apresentam uma resposta adequada a esse novo perfil do público.

2.10 Diversificação

O professor Avelar comentou sobre o interessante papel desempenhado pelos blogueiros ao manter o público atualizado sobre o que aconteciam em Mahnatan e com a vantagem de oferecer informações que os outros canais não ofereciam.

Ele explica que os blog's dos moradores que moravam próximo das regiões atingidas pelo ataque forneciam notícias, parte delas até de cunho pessoal, que permitiam a quem lia as postagens até uma idéia do que acontecia nesses locais. A grande vantagem, explica o professor, é que se tinha acesso a uma informação mais arejada e, em alguns casos, privilegiada.

Atualmente vemos que os blog's se consolidaram como um dos espaços preferidos de informação dos usuários da internet prova disso é que muitos blogueiros são mais acessados e mais lidos que várias páginas de internet. A grande parte deles é assinada por um jornalista ou especialista de alguma área, principalmente por isso eles são marcados pelo estilo opinativo mais do que fornecer informações ‘quentes’ ou dar algo ‘furo’, os blog's se consolidaram como espaços de debate e interpretação dos acontecimentos.

2.11 Interatividade

Talvez a principal transformação conceitual advinda com o desenvolvimento do meio online como meio de comunicação foi à alteração do padrão tradicional que determinava o processo primário da comunicação. As principais teorias da comunicação consagram o esquema de que para haver um diálogo era necessário e indispensável três fatores: o comunicador (quem fala; quem transmite uma mensagem), o meio ou espaço

(a parte física da mensagem um papel; uma televisão etc) e o receptor (aquele para quem a mensagem é enviada).

Com a consolidação da internet essa lógica simplesmente foi diluída, devido principalmente ao papel mais ativo e participativo do público que não ocupa mais a posição passiva de receptor.

No dia 11 de Setembro essa alteração ainda não foi tão marcante porque as condições técnicas não estavam devidamente postas. Contudo o papel de seleção e de escolha de em quais os páginas eles iriam acessar e também a posição de fornecedor de informações (inclusive para jornalistas) feito pelos usuários atingidos pelo ataque foram importante amostras de que o ‘receptor’ deseja ser mais ativos nos processos comunicacionais.

Capítulo 3 – A reportagem

O veículo escolhido para a publicação da grande reportagem foi o Opera Mundi, um veículo especializado em política internacional, política externa e economia, numa perspectiva global. O projeto do site teve início em 2008, e surgiu a partir da análise de que não havia um veículo capaz de noticiar e analisar os fatos do mundo a partir de uma perspectiva crítica e brasileira.

Vale ressaltar que a importância que o Brasil passou a ter no cenário mundial justifica e desperta ainda mais o interesse de se entender o mundo e o papel inédito de protagonista global.

No início do projeto, o Opera Mundi focou sua cobertura em reportagens especiais aprofundadas sobre os países da América. Argentina, Uruguai, Venezuela, Paraguai, México, Equador, Bolívia, Colômbia, Estados Unidos, Canadá.

O discurso do site é de que, diferente dos outros canais, eles procuram utilizar criticamente os serviços especializados em América Latina das agências EFE, Ansa, Telesur e Prensa Latina.

Tanto para aumentar o seu horizonte de cobertura como para se diferenciar de outras publicações, sendo capaz de oferecer ao público um conteúdo ‘personalizado’, o site dá grande prioridade ao trabalho de seus correspondentes. “Opera Mundi é hoje, provavelmente, o veículo com o maior número de colaboradores internacionais ativos da imprensa brasileira.”, argumenta.

Na busca por ser diferenciado da cobertura internacional produzindo nas editoriais de jornais e sites, o Opera Mundi adotou a postura jornalística de ir além do consenso geral ou do que já era de conhecimento do público. Por exemplo, em janeiro de 2010, o terremoto do Haiti, recebeu um tratamento especial do site o qual, por meio de reportagens especiais, detalhou o processo histórico do país, que se rebelou contra uma colonização agressiva e escravista, explica a tragédia humanitária que se seguiu ao episódio tanto ou mais que o fato natural e imprevisível de um tremor de terras.

Devido principalmente a proximidade e o processo ainda inicial de estruturação a América Latina foi o cenário de cobertura e análise, mas conforme foi ocorrendo o seu amadurecimento outras regiões passaram a receber o mesmo olhar atento e crítico.

“O Opera Mundi foi o primeiro site do planeta a noticiar que Brasil, Irã e Turquia haviam chegado a um acordo sobre o manejo de combustível nuclear. Também produziu uma série de reportagens especiais sobre os efeitos da crise econômica mundial dos países mais frágeis da União Europeia, como Portugal e Irlanda. E foi ao Vietnã acompanhar de perto as comemorações relativas aos 35 anos da vitória do país na guerra contra os Estados Unidos.”

(QUEM SOMOS, 2011)

Outra preocupação do site é tentar produzir um ‘olhar brasileiro’ da cobertura que produz, isso implica que não basta noticiar o que acontece no exterior é

preciso – para aumentar o interesse do leitor – explicar o porquê aquilo é importante para o Brasil e as possíveis implicações que podem ter.

Durante a campanha presidencial, tema que praticamente monopoliza a imprensa e a atenção do público, o Opera Mundi mostrou que alguns temas como a regulação da mídia e o aborto, eram temáticas que não diziam respeito só a realidade interna. Por meio de reportagens especiais, Opera Mundi mostrou que há variadas formas de regular a mídia no mundo, e que o Brasil já é hoje um dos países mais conservadores na questão do aborto.

Mais recentemente um tema que garantiu bastante visibilidade ao site foi a cobertura do Wikileaks e os vazamentos diplomáticos dos Estados Unidos. O site conseguiu, com exclusividade, uma entrevista com o principal líder da organização, Julian Assange, pouco antes dele ser preso em Londres. Diferente dos outros veículos, o Opera Mundi não se limitou a cobrir as mensagens que estavam diretamente relacionadas ao nosso país, por isso, denúncias de interferência política ou de posicionamentos políticos polêmicos ou controversos norte-americanos também era foco do site.

3.1 “O especial de 11/09”

“Historiadores apontam aquele como o dia em que efetivamente começou o século XXI. Há um antes. E um depois. Mas este depois, no entanto, ainda não acabou. O que o especial do **Opera Mundi** mostra é que o dia 11 de Setembro de 2001 ainda não teve fim. Apesar de as explosões terem se limitado ao World Trade Center e a parte da sede do Departamento de Defesa norte-americano, seus efeitos ultrapassaram em muito as fronteiras dos EUA.

Não estamos falando, aqui, apenas dos desdobramentos óbvios dos ataques: as guerras do Iraque e do Afeganistão, aventuras militares desencadeadas pelo governo George Bush (2001-2009), das quais os norte-americanos ainda não conseguiram se libertar. O 11 de Setembro tem consequências práticas no dia-a-dia de cidadãos das mais diferentes partes do mundo.

Este especial se distingue das demais coberturas do 11 de Setembro justamente por contar com a colaboração de mais de uma dezena de jornalistas, situados em diferentes pontos do planeta, do Japão à Cidade do México, passando por Buenos Aires, Washington, São Paulo e Pequim, que buscaram registrar os efeitos desta data fora do foco dos ataques. Porque o 11 de Setembro foi uma data que abalou não apenas Nova York e os EUA, mas todo o planeta.”

(SEREZA,2011)

Foram publicados ao todo 19 matérias sobre os ataques de 11 de Setembro e as suas mais diversas implicações. Vale refletirmos na forma como se deu esta cobertura e as diferenças existentes para outros veículos.

Praticamente todos canais jornalísticos produziram algum tipo de conteúdo sobre o tema, afinal são 10 anos de um evento central na história da humanidade. O Opera Mundi, por se tratar de um meio especializado em cobertura internacional, obrigatoriamente deveria dedicar uma atenção especial ao fato.

Mesmo levando em conta as particularidades e as diferenças de cada meio de comunicação, nota-se claramente a singularidade do conteúdo produzido pelo Opera Mundi e outros produtos jornalísticos que também ofereceram publicações especiais a respeito do 11 de Setembro.

O diferencial poderiam se resumir em dois eixos: O ponto de vista do jornalista e a construção da imagem dos EUA. Antes de explicar os eixos, vale ressaltar a coerência editorial do site com o especial, sendo que o diferencial é resultado direto dessa coerência.

Tantos os canais de televisão, como jornais, rádio e até outros sites produziram o conteúdo a partir de suas redações, independente da pauta, não há como negar que se tem um olhar, um ponto de vista do ‘brasileiro’ presente no resultado final da matéria. Praticamente metade das matérias produzidas pelo Opera Mundi foram feitas pelos seus correspondentes, consultando fonte locais, imersos pela realidade do país e da forma como foi afetado pelo ataque.

A outra forma de abordagem que diferencia o especial de 11/09 é que os Estados Unidos não são interpretados como “a vítima” do episódio, não há uma idealização e nem um enfoque na reconstrução do país. Pode até parecer um tanto quanto estranho, mas os EUA não são os protagonistas do trabalho jornalístico – essa é talvez a grande aposta do material elaborado pelo Opera Mundi.

Se acompanharmos a forma como o site constrói a imagem dos EUA vemos que, diferente de boa parte da imprensa nacional, não há um alinhamento e nem uma aprovação automática das ações estadunidense ou da sua forma de enxergar o mundo. Constantemente é dado espaço e voz a personalidades e discursos opostos aos dos norte-americanos, prova disto é a maneira como são apresentados os presidentes Evo Morales e Hugo Chávez, além do uso de conteúdo produzido pela Telesur, por exemplo.

O sinal de aprovação do público a esta postura mais ‘independente’ aparece no próprio especial, uma das matérias com mais acessos e mais compartilhadas nas

redes sociais foi: “Vítimas em 2001, EUA foram os algozes do 11 de setembro no Chile”. Esta matéria, escrita pelo jornalista João Paulo Charleaux, traz uma longa e detalhada abordagem de como os norte-americanos invadiram o Chile, depuseram o presidente Salvador Allende, o apoio prestado ao general Augusto Pinochet e o impacto que tais ações tiveram na formação do estado chileno.

Os norte-americanos são só sujeitos ativos em 04 das 19 matérias. Nas outras 15 se discute de que forma os países reagiram, qual foi o deslocamento político interno, se esses países se alinharam ou não a guerra ao terror.

A própria grande reportagem fruto deste relatório não tem os Estados Unidos como autor ou foco principal. Discute-se o crescimento das mídias online e de que forma os atentados influenciaram tal processo.

Tem-se assim um posicionamento bastante interessante e diverso ao produzido nos outros canais porque se propõe a analisar o problema sob uma ótica global, o que faz mais lógica a propagada idéia de ‘um acontecimento que abalou o mundo’ – se o mundo inteiro foi abalado, o foco não é pode se limitar em como os Estados Unidos foram abalados ao longo desses anos, é preciso uma visão mais ampla.

Estas foram às reportagens publicas pelo especial:

- Testemunha inconveniente: cinegrafista do 11/09 vive refugiado na Argentina
- Pós-11/09 na América Central significou escalada da presença militar dos EUA
- Consequência do 11/09, Guerra ao Terror trouxe prejuízos e foi mal explicada
- Ataques do 11 de Setembro foram evento-chave para crescimento da mídia online
- Vítimas em 2001, EUA foram os algozes do 11 de setembro no Chile
- Traidores são os que declaram guerra imorais, diz desertor dos EUA que lutou no Iraque
- Israel aproveitou 11/9 para aumentar controle sobre territórios palestinos

- Dez anos após o 11 de Setembro, China prossegue com 'guerra ao terror' nacional
- No México, 11 de Setembro abriu caminho para aumento da violência interna
- Itália ficou mais xenófoba e perdeu papel de interlocução com o mundo árabe depois do 11/9
- América do Sul saiu lucrando após atentados nos EUA, diz Mark Weisbrot
- Na Colômbia, 11 de Setembro favoreceu ascensão da ultradireita e internacionalizou conflito interno
- Dez anos depois, Japão mantém forte esquema de segurança do pós-11/09 e se recupera de tragédia nacional
- Na França, 11/09 e ascensão da direita reforçaram discurso antiislâmico
- Décimo aniversário do atentado reaquece mercado editorial com profusão de novos títulos
- Com Chechênia na lista de terroristas, Rússia associou o 11 de Setembro à política interna
- Portugal e o 11/09: improvável e conveniente porta de entrada do terrorismo na Europa
- Para especialista irlandês, 11 de Setembro fez IRA deixar as armas e o terrorismo
- 'ETA confiava em suas forças depois do 11 de Setembro', diz especialista espanhol

3.2 Função do jornalista

A sociedade contemporânea vive em tempos de constante aperfeiçoamento e popularização dos mecanismos de produção, divulgação e acesso a comunicação. O alcance destas mudanças é tanto que leva ao questionamento de diversos paradgmas do universo comunicacional, entre eles é a crítica quanto a validade e o papel do jornalista, profissional que surgiu como fruto de outro processo do desenvolvimento comunicacional.

Ao produzir uma grande-reportagem podemos perceber que o conjunto de habilidades e técnicas relativas ao ofício jornalística exigem repertório e conhecimento, os quais podemos classificar como ‘exclusivos’ ou inerentes ao profissional jornalista, bem como oferece um conteúdo que as ferramentas e meio comunicacionais atuais não produzem por si só.

Em outras palavras, o trabalho jornalístico requer um nível de competência especializada e, a despeito de todos os avanços tecnológicos, o trabalho de mediador social entre a notícia e o público ainda é necessário, apesar das claras e evidentes mudanças em como se dá essa mediação.

Ignácio Ramonet no livro “A ditadura da comunicação” faz uma ácida crítica a uma certa acomodação e dependência dos jornalistas em relação as ferramentas tecnológicas. Para Ramonet, em alguns casos eles se limitam ao operar os meios e deixam em segundo plano atividades básicas e primordias como a investigação, a busca pelo contraditório etcetera.

Como exemplo emblemático desta sua tese, ele lembra a cobertura da queda do muro de Berlim quando, aproveitando do forte simbologismo da imagem ao vivo na televisão, o repórter sentenciou: “Vocês estão vendo a história acontecendo”.

Em “A ditadura...” surge a ressalva de que o jornalista deve ter consciência de que o trabalho crítico e comprometido da sua atuação profissional é imprescindível para a comunicação social ou o seu papel simplesmente torna-se dispensável.

“Informar não é comentar um jogo, o jornalista que aceita isso se auto-anula admitindo que sua função é praticamente inútil e que, agora, o essencial é mostrar, como se o resto não fosse mais do que lengalenga, conversa para boi dormir” Ignacio Ramonet, *A Tirania da Comunicação*”

O professor e jornalista Eugenio Bucci no artigo “Que jornalismo se ensina na escola?” aponta uma certa perda identidade do jornalista devido a cada vez maior reprodução e popularização da idéia de que (principalmente na internet) todos podemos ser produtores de notícia e informação, a grosso modo ‘todos somos jornalistas’.

No artigo Bucci avalia que é necessário que os jornalistas compreendam o real papel da sua profissão bem como mude a postura de refém ou dependente das novas tecnologias e compreenda a real implicação delas na sua forma de trabalho.

No Brasil, as turbulências da chamada era digital acabaram por ferir a identidade da profissão. Repito: feriram a própria identidade da profissão. Um sintoma disso é que nunca se falou tanto no desaparecimento da imprensa convencional. Note bem o leitor: a Medicina usa computadores, tecnologias e internet a toda sorte de traquitanas eletrônicas a toda hora. O Direito também. A Engenharia Eletrônica nem se fala. Idem a Publicidade. O mundo inteiro se vale dos computadores interconectados e nem por isso a sobrevivência da Medicina, da Matemática ou da Psicologia é posta sob ameaça.

(BUCCI, 2011.)

3.3 Jornalismo online

Um dos principais valores de uma notícia é o tempo, o caráter de novidades, o recente, ‘o agora’ são qualidades essenciais para o jornalismo. E foi exatamente esta noção tão cara e tradicional para os jornalistas que foi fortemente alterada com o surgimento e posterior crescimento do jornalismo online.

O tempo na internet tem pouca ou nenhuma relação com o ‘tempo real’, e os jornalistas, tão adaptados e acostumados a lidar com ele, ainda se adaptam a este novo ‘tempo’.

“O desenvolvimento das tecnologias de comunicação permitiu a instalação de novos circuitos de informação rápidos e eficazes. A circulação da informação em redes globalizadas altamente velozes introduziu no jornalismo a noção de “tempo real’ .Ou seja, os jornais passaram a funcionar como agências de notícias que despejam informação em fluxo contínuo diretamente para o público que é convidado a reagir e a participar dos acontecimentos. Isso dá a Internet a possibilidade de ser uma mídia realmente interativa nos processos de comunicação.”

(LEAL, 2002)

O professor Marcos Palácios, da Universidade Federal da Bahia, publicou o artigo intitulado: “ Jornalismo Online, Informação e Memória: fundamentos para um debate” no qual ele faz um longa e interessante reflexão a respeito dos rumos do

jornalismo na web, suas particularidades, deficiências e as possibilidades de produção de discurso e sentido.

De forma geral, Palácio define que a internet possui seis principais características do jornalismo online: Multimídia/Convergência; Interactividade; Hipertextualidade; Personalização e Memória; Atualização Contínua.

Mesmo cientes destas características, o estudo demonstra que os portais e sites de notícias ainda não conseguem explorar de forma harmônica e produtiva, os seis fundamentos e, em geral, acabam priorizando ou dando mais destaque para um deles.

3.4 Teoria da grande reportagem

Baseada no livro “Páginas Ampliadas”, de Edvaldo Pereira Lima, vemos que a entrevista deve ser um dos eixos norteadores de uma grande reportagem. A possibilidade de obter as informações de quem participa e influencia diretamente sob o objeto da pauta permitem uma visão especializada a respeito da questão. Opinião essa que é inegavelmente mais rica que a do jornalista.

Porém, tomamos o cuidado de não criar uma matéria meramente declatória, uma compilação das afirmações e opiniões dos entrevistados. Baseado nisso, buscamos outras fontes em estudos, dados e notícias passadas. Por outro lado, a conversa com as fontes proporciona uma aproximação mais imediata, auxilia no entendimento de determinados pontos e colabora para que a reportagem se torne mais fluída.

Por ser um trabalho essencialmente jornalístico alguns passos são imprescindíveis: elaboração de uma pauta, a seleção de fontes, a documentação, a busca por diferentes versões, a seleção e a edição do conteúdo, a maior objetividade e compromisso com a verdade.

Cremilda Medina no livro “Entrevista – o diálogo do possível” soma muito ao meu trabalho. Ao explicar a função da entrevista dentro do universo jornalístico ela lembra que é preciso considerar questões como objetividade, veracidade e factualidade.

A reportagem é uma das principais ferramentas de um jornalismo contextualizado. Ela oferece um olhar amplo e contínuo dos fatos, não se limitando a apresentar o acontecimento em si, de maneira pontual e direta. Na reportagem revela-se ao leitor o sentido e os possíveis rumos dos acontecimentos, é criada uma rede que interliga outros fatos relacionados a ele, apresenta-se uma análise histórica, um

levantamento profundo da realidade atual bem como fornece-se elementos para o leitor fazer projeções futuras.

Ao utilizar da reportagem para a confecção do meu trabalho ele será marcado pela características do jornalismo interpretativo o que, como define “Páginas Ampliadas”, procura obter a máxima compreensão possível do objeto da reportagem. A minha intenção é exatamente esta, apresentar ao leitor da grande reportagem o maior número de informações que permitam a compreensão de como os ataques de 11 de Setembro influenciaram e, em certo modo, determinaram a evolução das mídias online.

Outra prática é fundamentar a narração da realidade na elucidação dos aspectos que em princípio não estão muito claros. De certa forma, é óbvio para o leitor que nos últimos dez anos o jornalismo online evolui muito, devido principalmente a popularização das ferramentas tecnológicas. Ciente disso a reportagem precisou deixar claro o porquê os ataques foram o momento importante desta evolução.

Medina explica que a entrevista muitas vezes é tratada e vista de forma burocrática, como um processo mecânico, previamente pensando e formatado, perdendo, deste modo, a oportunidade de aprofundar o tema, de descobrir novidades, de liberdade ao entrevistado de se expressar melhor quanto ao assunto que deseja transmitir.

Entender as matizes da entrevista, saber conduzi-la, aprofundar o tema, trazer algo de novo para o leitor, entender a realidade e os seus processos históricos por meio da conversa do jornalista com a fonte precisam ser observados em qualquer trabalho jornalístico e - ainda mais - em um grande reportagem, a qual tem por objetivo ser um retrato detalhado e completo de um tema.

Entre as duas diferentes técnicas de entrevista que Medina descreve a que mais se adapta a intenção que tenho a respeito do meu trabalho é a entrevista intensiva. Diferente da extensiva que funciona através de questionários pré-elaborados, a entrevista intensiva permite o diálogo e favorece a relação entre entrevistados e entrevistado, potencializando a possibilidade de oferecer um conteúdo mais explicativo e fluído para o leitor.

Ela também lembra, citando Edgar Morin, que o diálogo é uma práxis humana, componente vital do jornalismo, o qual visa exatamente possibilitar a comunicação. A *entrevista diálogo*, por assim dizer, se transforma em “uma busca em comum(...) entrevistado e entrevistador colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade”.

Como a reportagem tinha um foco específico – estabelecer a relação entre o 11 de Setembro e a mídia online nos últimos dez anos – eu fui para reportagem com uma pauta definida, mas não com todas as perguntas já elaboradas. Ter um conhecimento prévio foi importante para estabelecer um diálogo, questionar e esclarecer informações apresentadas pelos entrevistados.

A escolha pela estrutura da grande-reportagem parte da compreensão de que tal produto jornalístico contempla – ao mesmo tempo que exige – importantes processos jornalísticos como a busca pela contradição; olhar amplo e contextualizado sobre o objeto da matéria, ao invés da recorrente fragmentação da informação; apresenta-se os antecedentes, os diversos olhares, fontes complementares e opostas, os fatos correlatos e as possíveis implicações ‘futuras’.

Na grande-reportagem, o público tem o direito de receber a notícia no seu formato mais rico e completo possível, para que, com isso, obtenha a compreensão mais fiel possível sobre o fenômeno relatado.

Sobre a grande reportagem Cremilda afirma que:

“É possível detectar um discurso afinado sobre a complexidade em contraposição a práticas narrativas em que se verifica a fragmentação das idéias, a dispersão interpretativa dos acontecimentos, a incapacidade de articulação dos nexos de sentido”

(MEDINA, 2008)

3.4 Passo-a-passo

A pauta surgiu como proposta da editora do Opera Mundi, Marina Terra. A proposta seria estabelecer de que forma o “11 de Setembro” influenciou no crescimento da mídia online.

O formato do trabalho deveria ser o de uma grande reportagem, a qual contextualize e esclarecesse o amadurecimento dos meios de comunicação nos últimos dez anos e a relação com a queda da torre.

Para mim não era exatamente clara esta relação, apesar de ser uma proposta de interessante visto que os meios de comunicação online se ‘firmaram’ ao mesmo tempo em que o “11/09” completa 10 anos e se torna um fato mais claro de ser analisado.

A indicação inicial de fonte, dada pela Marina, foi o do professor Sergio Amadeu, ativista digital e especialista em tecnologia.

Enquanto agendava a entrevista com o Amadeu, encontrei uma entrevista dado por um professor de comunicação na universidade de Navarra, Ramón Salaverria, que discutia como os jornais e portais online reagiram ao episódio. Ao tentar o contato com Salaverria, ele respondeu que estava de férias e por isto não poderia dar uma entrevista, mas enviou-me um estudo chamado: “Um meio imaturo. Pontos fortes e fracos de Jornais online em 11 de setembro”.

O artigo indicado foi bastante útil para a execução da reportagem porque deixava claro que, de fato, o “11/09” teve um papel decisivo em como a mídia online se desenvolveu. Além disso indicou possíveis caminhos pelos quais a reportagem deviam seguir e quais questões deveriam ser esclarecidas.

A conversa com o professor Amadeu foi interessante porque acrescentou a importância da alta taxa de conectividade da ilha de Manhattan, uma opinião interessante quanto aos avanços bem como a preocupação da segurança e da multiplicidade de canais.

Luiz Egypto, editor chefe do Observatório da Imprensa, colaborou principalmente ao apresentar um olhar de jornalista e de crítico dos processos de construção e divulgação das notícias na web. O veredicto “ a internet hoje tem a primazia do hard news” reafirmou a ideia do amadurecimento da mídia online.

Um dos intertítulos da matéria é “blog”. Os blog’s se consolidaram como um dos principais meios de comunicação e um dos maiores atrativos da internet por reunir atrativos como a interatividade e a velocidade de atualização. Escolhemos o blogueiro e o professor de New Orleans, Idelber Avelar, por ele ser uma grande referência da blogosfera e também por morar há bastante tempo nos EUA e, devido a isso, conhecer a organização dos meios de comunicação.

Talvez a maior vantagem que a internet oferece para os jornalistas em relação as outras plataformas de comunicação são as diversas possibilidades tecnológicas. Devido a variedades de fenômenos vivenciados por cada um de nós, a escrita pode não ser a melhor plataforma para transmitir determinado fato, ou rádio conseguir ser mais ágil que a televisão. A internet torna-se uma ferramenta interessante para o jornalista exatamente pela possibilidade de se adaptar ao acontecimento, ao invés de adaptar o fenômeno a sua linguagem.

Foi exatamente esta a convicção que Luis Egypto passou ao classificar um meio online de “farra tecnológica”, onde tanto as possibilidades comunicacionais dos jornalistas como do público são praticamente ilimitadas.

O último intertítulo da matéria apresenta uma reflexão a respeito da internet como um espaço democrático e livre, porém sem garantias de que sempre será assim. Amadeu aponta o perigo de que as grandes empresas de tecnologia e comunicação consigam vencer a luta por mais controle no espaços virtuais.

Neste mesmo sentido ouvimos o juiz Demócrito Filho, diretor do Instituto Brasileiro de Direito da Informática, sobre como a reação do EUA lançaram dúvidas jurídicas sobre a liberdade e privacidade dos usuários da internet. Filho argumenta nos Estados Unidos e na Europa começaram a ser discutidos mecanismos que possibilitariam aos Estados investigar contas de email e páginas que os internautas visitassem, tudo isso em prol de “mais segurança” para a população.

As duas imagens que ilustram a reportagem foram feitas pelo Thiago Teixeira, estudante de jornalismo da Unesp. Elas foram pensadas com dois objetivos: oferecer mais informação ao usuário e também estabelecer um diálogo visual com o texto.

Uma delas tem como fundo os destroços da torres, em segundo plano as ‘homes’ dos principais sites de notícia ao redor do mundo e como chamada da foto a frase: “Interne, 11 de Setembro”. O resultado ficou próximo do esperado e criou iconicamente uma associação entre os ataque e a cobertura online. Dessa forma, a ilustração começa a ir convencendo o leitor de que os eventos tiveram uma relação quase que imediata.

Contudo, esta imagem passou por um longo processo de edição. A primeira versão dela contava com cerca de 10 páginas e por isto estavam em um tamanho reduzido. Para que ela pudesse se adequar ao designer da página retiramos estas páginas até chegar ao resultado final, o qual apresentou quatro páginas: “O Guardian”; “Washington Post”; “El País”; “AOL”.

A segunda imagem trabalha com mais informações e apresenta os números citados no começo da reportagem, os quais revelam o quão significativa foi a procura na web por informações ligadas ao ataque. Novamente aparecem as torres, ainda em chamas. O fato delas ainda estarem de pé sugere que a internet começou a informar instantaneamente sobre o acontecimento.

Por fim, uma observação importante no resultado final da grande reportagem foi a alteração feita pela editora Marina Terra no primeiro parágrafo. Ela adicionou um outro parágrafo explicando que apesar da cobertura televisa do acontecimento ter se

tornado uma referência, a internet cumpriu um importante papel de jornalismo, o qual influenciou de maneira decisiva os rumos da mídia online nos últimos dez anos.

Conclusão

Acredito que a grande reportagem atendeu ao seu objetivo que era apresentar as relações do “11/09” com o amadurecimento das mídias online e debater as possíveis influências.

Para tanto dialogamos com especialistas em jornalismo, tecnologias digitais e um especialista em legislação na internet. E, por meio disso, apresenta um relato rico de diversas experiências e ao mesmo tempo complementares.

Como conteúdo jornalístico, o qual pressupõe que seja acessível ao maior número de pessoas, acreditamos que o trabalho obteve sucesso em explicar e contextualizar o fenômeno estudado.

De fato, não foi possível abordar todas as temáticas e debates que gravitam em torno do jornalismo online. Mas acreditamos ter colaborado com estas discussões, mesmo não sendo este o objeto da pauta.

REFERÊNCIAS

Livros:

DORNELES, Carlos. **Deus é inocente a imprensa, não**. 1ª Edição. São Paulo: Globo, 2002.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4ª ed. São Paulo: Manole, 2009

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: O diálogo possível**. São Paulo, Editora Ática, 1986

RAMONET, Ignácio. **A tirania da comunicação**. Petrópolis, Editora Vozes, 2004.

Artigos:

BUCCI, Eugenio. **Que Jornalismo se ensina na escola?** Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/que_jornalismo_se_ensina_na_escola> Acesso em 29 de Out. 2011

CANCLINI, Néstor Garcia. **A cultura política: entre o midiático e o digital**. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/ojs/index.php/matrizes/article/view/44>> Acesso em 09 Set. 2011

CHOMSKY, Noam. **A nova guerra contra o Terror**. Estudos Avançados. vol.16 no.44 São Paulo Jan./Apr. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142002000100002> Acesso em 02 Set. 2011

FILHO, Demócrito Reinaldo. **A repercussão dos atentados de 11 de Setembro sobre a liberdade de expressão na internet**. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/5904-5896-1-PB.pdf>> Acesso em 07 Jul. 2011

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Deficit de abrangência nas narrativas da contemporaneidade**. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/ojs/index.php/matrizes/article/view/53>> Acesso em 22 Out. 2011

Opera Mundi. **Quem Somos.** Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/14212/operamundi+quem+somos.shtml>> Acesso em 02 Out. 2011

SALAVERRIA, Ramón. **Um meio imaturo. Pontos fortes e fracos de Jornais online em 11 de setembro.** Disponível em: <http://dspace.unav.es/dspace/bitstream/10171/5076/1/gazette67_salaverria.pdf> Acesso em 02 Ago. 2011

SEREZA, Haroldo Cevaloro. **Onze de Setembro: os aviões que abalaram o mundo.** Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/reportagens/15077/onze+de+setembro+de+2001+os+avioes+que+abalaram+o+mundo.shtml>> Acesso em 20 Set. 2011

THOMPSON, John B. **A nova visibilidade.** Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/ojs/index.php/matrizes/article/view/40>> Acesso em 03 Nov. 2011

Sites visitados

Digital Collection – 11 de Setembro

<http://www.interactivepublishing.net/september/>

Especial 11/09 do Opera Mundi

Todas as matérias podem ser acessadas nesse link:
<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/reportagens/15077/onze+de+setembro+de+2001+os+avioes+que+abalaram+o+mundo.shtml>.

Estes são os títulos das reportagens:

- Testemunha inconveniente: cinegrafista do 11/09 vive refugiado na Argentina
- Pós-11/09 na América Central significou escalada da presença militar dos EUA
- Consequência do 11/09, Guerra ao Terror trouxe prejuízos e foi mal explicada
- Ataques do 11 de Setembro foram evento-chave para crescimento da mídia online
- Vítimas em 2001, EUA foram os algozes do 11 de setembro no Chile
- Traidores são os que declaram guerra imorais, diz desertor dos EUA que lutou no Iraque
- Israel aproveitou 11/9 para aumentar controle sobre territórios palestinos
- Dez anos após o 11 de Setembro, China prossegue com 'guerra ao terror' nacional
- No México, 11 de Setembro abriu caminho para aumento da violência interna

- Itália ficou mais xenófoba e perdeu papel de interlocução com o mundo árabe depois do 11/9
- América do Sul saiu lucrando após atentados nos EUA, diz Mark Weisbrot
- Na Colômbia, 11 de Setembro favoreceu ascensão da ultradireita e internacionalizou conflito interno
- Dez anos depois, Japão mantém forte esquema de segurança do pós-11/09 e se recupera de tragédia nacional
- Na França, 11/09 e ascensão da direita reforçaram discurso antiislâmico
- Décimo aniversário do atentado reaquece mercado editorial com profusão de novos títulos
- Com Chechênia na lista de terroristas, Rússia associou o 11 de Setembro à política interna
- Portugal e o 11/09: improvável e conveniente porta de entrada do terrorismo na Europa
- Para especialista irlandês, 11 de Setembro fez IRA deixar as armas e o terrorismo
- 'ETA confiava em suas forças depois do 11 de Setembro', diz especialista espanhol

INTERNET, ONZE DE SETEMBRO



washingtonpost.com

Tuesday, September 11, 2001 | Updated 10:07 p.m. EDT

President Addresses Nation After Day of Terrorist Attacks

Bush vows to avenge "thousands of deaths" as nation reels from attacks on World Trade Center, Pentagon.

Top
[Bin Laden Likely Tied To Today's Terrorist Attacks](#)
[U.S. has evidence from multiple sources that the terrorists are connected to the Sept. 11 fugitive](#)
[Francis Calls Made From Hijacked Dulles Plane](#)
 Pentagon team ordered to tell whether they were about to die

Post Editorial
[America Must Respond](#)
 If attacks are carried abroad, it's an act of war.



PHOTO: STEVE GRANITZ/AP/WIDE WORLD PHOTOS
 A plane is seen in the sky above the World Trade Center site after the Sept. 11 attacks. (AP/Wide World Photos)

[Photo Galleries](#)

Le Monde.fr

Mercredi 13 septembre 2001
 Max 8 sur 10223 - Paris

Les Etats-Unis dans la stupeur

Les deux tours du World Trade Center, à New-York, se sont effondrées, mardi 11 septembre, après avoir été percutées par deux avions de ligne américaine. A Washington, un troisième appareil s'est crashé sur le Pentagone, siège du ministère de la défense. Près de Pittsburgh, un dernier avion de ligne s'est écrasé. Aux premières heures de la journée de mercredi, il est encore très difficile de tirer le moindre bilan des pertes humaines et des dégâts matériels. De retour à Washington, le président américain, George W. Bush s'est adressé à la nation. Fierme, il a déclaré que les américains "ne toucheront pas le caper de la certitude américaine" à "moins le terrorisme". Par ailleurs, des explosions ont eu lieu dans la capitale algérienne, Kaboul. Washington a demandé toute responsabilité dans ces attaques.

LE MONDE.FR (13/09) | 100%

EL PAIS es

Miércoles, 13 de septiembre de 2001 - actualizado a las 10:07 AM

EE UU, atacado

Una oleada de atentados en Nueva York y Washington colapsa EE UU

EE UU vive hoy su peor día de su historia tras sufrir una oleada de atentados que ha destruido las Torres Gemelas de Nueva York, un edificio emblemático de 47 plantas, y parte del Pentágono, en Washington. Dos aviones han impactado contra las emblemáticas oficinas y otro aterizó en el coloso tras el cruce suramericano de la defensa del país. El suceso se vivió en la televisión en directo. Se teme que haya miles de muertos entre los estadounidenses.

CRONICA: ANTONIO ALBA/EL PAIS. A. J. B. / EL PAIS. G. / EL PAIS.

Go to: [Guardian Unlimited home](#)

Guardian Unlimited

en: The Guardian | On sites: Talk | Ads | Webpages | Information

In the US: full coverage >

11/09/2001

America's Day of Terror

- Fumes drifts from Trade Centre
- Pentagon attacked
- Terrorists feared dead

Two New York Planes

US military HQ partly destroyed

[Click Here Now!](#)

opera mundi



“ Ataque de 11/09 foram evento-chave para crescimento da mídia online”

Paulo Pastor Monteiro

As primeiras imagens dos atentados de 11 de Setembro de 2001 foram fornecidas pela televisão. A cena das duas torres do World Trade Center em chamas e, depois, desmoronando como blocos de papel, rodou o mundo e contribuiu para sedimentar na memória de milhões os maiores ataques terroristas da história. No entanto, o atentado nos EUA foi o primeiro acontecimento global que a opinião pública não só acompanhou pela TV, como usou em massa a internet como fonte de informação.

Para se ter uma ideia da movimentação online, cerca de 80% das 500 palavras mais procuradas no dia estavam relacionadas ao atentado, revela um estudo elaborado pelo professor Ramón Salaverría, da Universidade de Navarra. Após fazer um extenso levantamento e observação de como foi a cobertura no dia e na semana, Salaverría conclui que o trabalho da imprensa realizado pela imprensa foi decisivo no desenvolvimento dos canais de comunicação online.

De acordo com os especialistas consultados pelo Opera Mundi, a queda das torres foi um “batismo de fogo” para os sites e portais de notícias na Internet. Em 2001, parte dos jornais que possuíam página na internet se limitavam a reproduzir o



opera mundi

conteúdo das versões impressas.

Portanto, não havia ainda, propriamente dito, um jornalismo online. A parte técnica também ficava devendo, alguns sites como os do New York Times e da MSNBC, no dia dos ataques, perderam velocidade de navegação e a CNN mudou o seu layout para manter a acessibilidade.

Na semana seguinte ao ataque, de acordo com os dados do professor Salaverria, os sites de notícias norte-americanos registraram 11,7 milhões de acesso por dia, praticamente o dobro da semana anterior à da queda das torres, que contou com seis milhões de acessos. O portal da rede britânica BBC passou de 142 mil acessos diários para mais de 500 mil e a norte-americana CNN tornou-se o sexto site mais visitado dos EUA com 4,6 milhões de visitantes por dia.

Formas de comunicação

Para o professor Sérgio Amadeu, da Universidade Federal do ABC e um dos principais ativistas da internet no Brasil, o atentado evidenciou a importância da comunicação em rede e as possibilidades que ela oferece no processo de acesso, produção e divulgação de informações.

“No dia, o acesso físico à ilha foi praticamente inviabilizado, e a comunicação tradicional se tornou bastante instável. Então, os jornalistas buscaram, por meio da internet, estabelecer contato com as pessoas que estavam lá. Isso demonstrou, de maneira bem clara, que as informações em rede circulam mais rápido e, em alguns casos, ela é a melhor maneira de descobrir detalhes de algum acontecimento”, afirmou Amadeu.

Luis Egypto, redator-chefe do Observatório da Imprensa, explica que a internet modificou a forma tradicional de comunicação, que delimitava quem iria produzir e quem iria consumir as notícias.

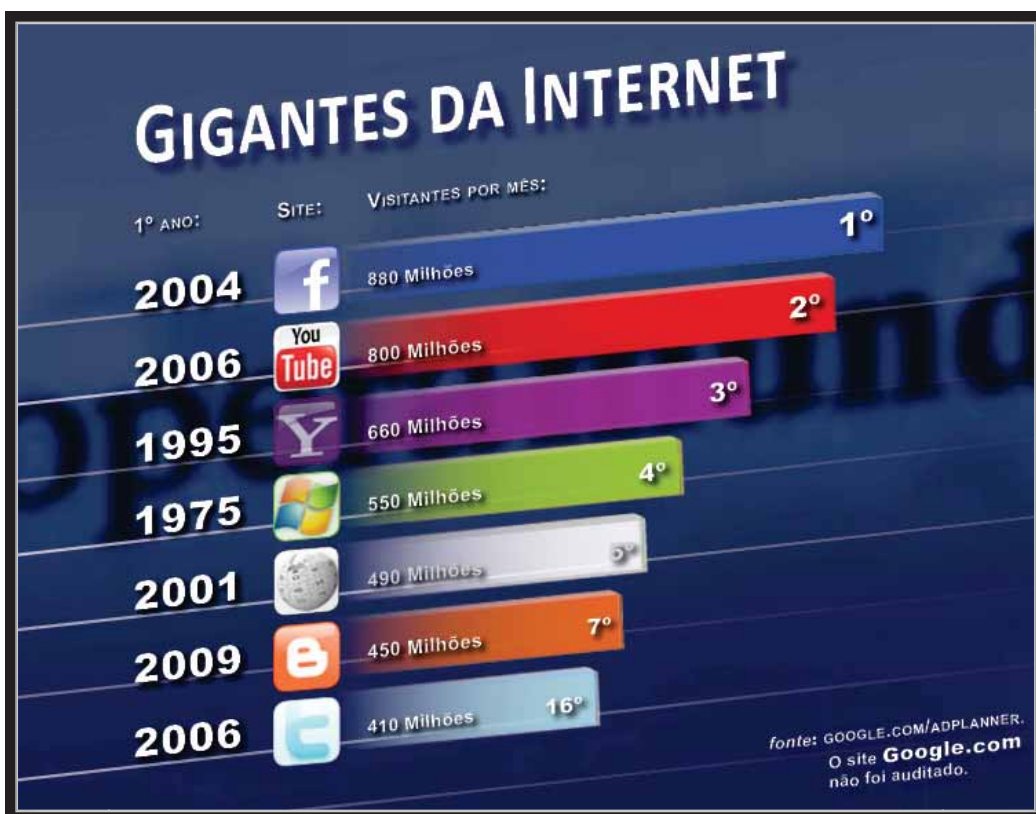


opera mundi

A lembrança feita por Amadeu, de que parte das informações sobre o que acontecia em Nova York chegou aos jornalistas por e-mail, é um dos indicadores das mudanças apontadas por Egypto, que ocorrem na forma como se produz informação devido ao amadurecimento do jornalismo online.

Segundo ele, atualmente, é a internet e, não mais os jornais impressos, que a sociedade procura para encontrar o hard news – as notícias mais recentes, em jargão jornalístico. “Hoje é a internet que tem a primazia da notícia”, analisou.

Outra mudança fruto da consolidação da internet como plataforma de informação foi a quebra do tradicional padrão da comunicação. Antes da internet, todo processo de comunicação, necessariamente, se dava por emissor (o qual dizia ou informava sobre algo), o meio ou canal (jornal impresso, televisão, rádio) que transmitia a mensagem e o receptor (para quem se destinava a mensagem)



opera mundi

Blogs

Idelber Avelar, professor da Universidade de Tulane, em Nova Orleans (Estados Unidos), explica que os textos em blogs novaiorquinos, postados logo após a queda das torres, são o primeiro exemplo de cobertura massiva na internet sobre um fato histórico.

“Naquela hora de muita confusão, em que as redes de TV não sabiam o que fazer a não ser reprisar ad nauseam as imagens dos aviões se chocando contra as torres, os blogs trouxeram uma perspectiva pessoal, mais arejada, com detalhes, em tempo real.”, recordou Avelar.

Para ele, como a maior parte dos blogs é pessoal, a objetividade e neutralidade de jornalistas em grandes veículos foram colocadas em xeque. “Porém, os blogs ainda não conseguem sair do círculo vicioso de somente comentar, avaliar e criticar notícias apuradas pela grande mídia”, disse. A saída, segundo Avelar, “é a criação de uma estrutura profissionalizada, que dependa da obtenção de fontes de financiamento.

De fato, o conteúdo jornalístico da blogosfera prima pelo caráter opinativo e de análise dos acontecimentos. Em alguns casos, isso cria um espaço que vai na contra-mão da pretensa pluralidade da web. Por exemplo, se um blogueiro é de ‘esquerda’, em geral seus leitores são de ‘esquerda’, quando de ‘direita’ os seus seguidores compartilham de opiniões políticas similares.

Farra tecnológica

“A agilidade da rede, a capacidade de disseminação de conteúdo e a velocidade são elementos extremamente atrativos”, avaliou Egypto. Ele aponta que a convergência das diferentes mídias no meio online criou uma “farra tecnológica” que tem atraído cada vez mais pessoas.



opera mundi

Salaverría atesta que, a partir do 11 de setembro, os meios de comunicação online passaram a se preocupar em construir uma narrativa que integrasse texto, imagem e som, ao invés de, por exemplo, apenas publicar uma notícia com texto e um áudio sem estabelecer um elo entre estas duas mídias.

“Após o 11 de setembro, observou-se que alguns meios de comunicação online começaram a produzir informações, usando diferente mídias, que compartilhavam o mesmo código e produziam um discurso único”, mostra o estudo.

Credibilidade

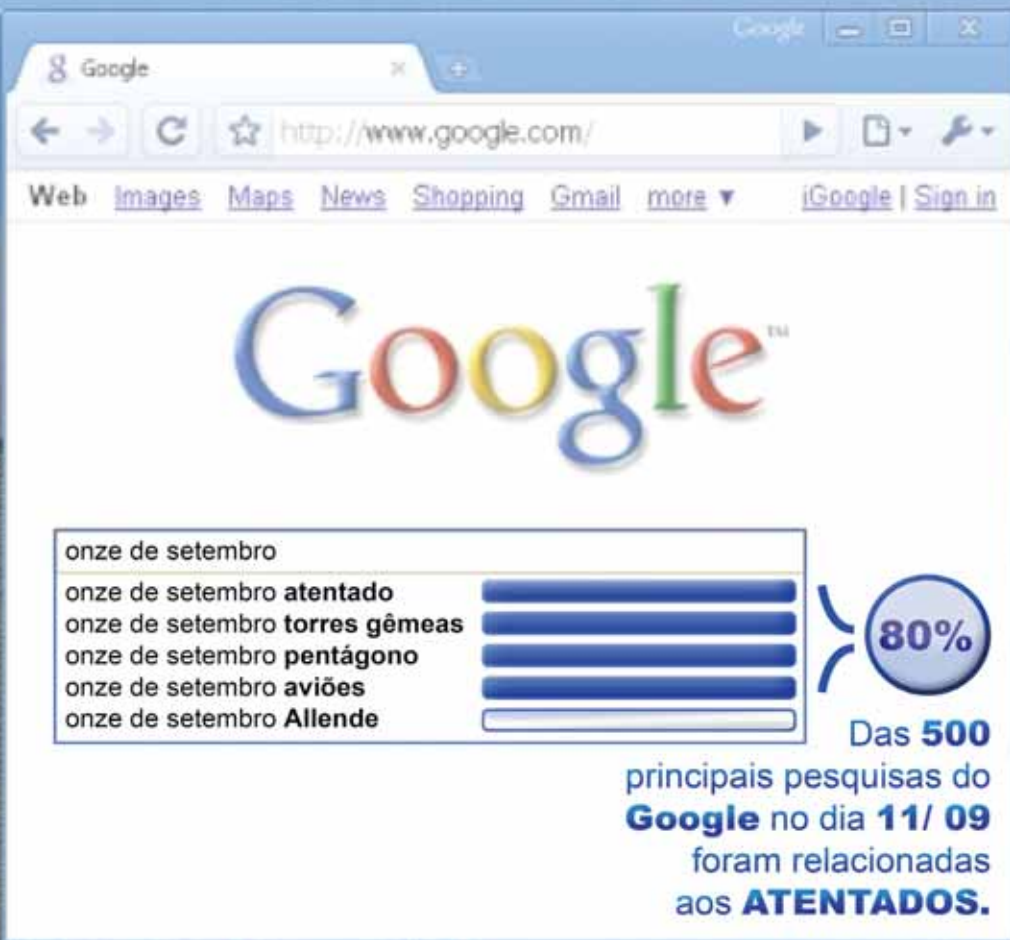
Os erros de informação ocasionados pela velocidade com que são produzidas as notícias nos meios online, bem como ações de grupos que inventam e espalham notícias falsas, criaram uma imagem de que os meios de comunicação online teriam menos credibilidade que a televisão ou jornal impresso.

Tanto Amadeu como Egypto afirmam que, após o aperfeiçoamento das redações e o desenvolvimento do jornalismo online, a cobertura dos fatos feitos pelas mídias na internet gozam, perante o público, do mesmo nível de credibilidade que qualquer outra mídia.

Para Egypto, o anonimato e o descomprometimento de alguns usuários geram um certo clima de desconfiança na rede. Porém, avalia que os meios online já estão bem organizados e em relação a credibilidade eles se igualam as outras plataformas.

Segundo Amadeu, a credibilidade é uma preocupação que sempre vai existir no jornalismo. “Assim como há jornais com ou mais ou menos credibilidade, há sites e blogs nos quais se dá para confiar e nos quais não. Depende do público escolher qual ele prefere”.





opera mundi

Espaço em disputa

O juiz Demócrito Filho, diretor do Instituto Brasileiro de Direito da Informática, comenta que depois dos atentados de 11 de setembro, aconteceu um movimento – em diversos países – em prol da criação de mecanismos que controlassem o tráfego na internet. Na avaliação do juiz, isso poderia resultar no fim da privacidade na rede.

“A campanha contra o terrorismo apresenta indicadores que as liberdades civis (na internet) podem ser ameaçadas. Após o ataque, vários países passaram a discutir a aplicação de procedimentos que exigem a identificação do usuário e permitem a investigação dos seus e-mails.”

Filho considera que a resistência de grupos que lutam pela democracia na internet tem conseguido impedir que ideias mais invasivas sejam aplicadas. Amadeu também considera a internet um espaço em disputa, no qual ainda não é possível saber exatamente o que virá. Ele explica que a internet está fundamentada no Princípio da Neutralidade, onde quem controla a estrutura física da rede deve ser neutro em relação ao conteúdo.

“Se os grandes grupos de telefonia, cabo e comunicação conseguirem quebrar o Princípio da Neutralidade, a internet como conhecemos vai mudar muito. Por exemplo, eles podem deixar um site mais veloz ou mais lento, para favorecer um parceiro ou prejudicar um concorrente”, alertou.

